

16 de Julho

É já o quadragésimo segundo depois de aquele em que a morte, inesperada como ladrão, nos surpreendeu com um acontecimento para que não estávamos proximoamente preparados, pois Pai Américo gozava de razoável saúde e os seus sessenta e oito anos não acusavam qualquer desfalecimento de lucidez. «Temos homem para levar e durar» — seria a resposta a quem nos perguntasse pela sua boa-forma, até ao acidente que, em dia e meio, lhe precipitou a morte.

Quarenta e dois anos... Éramos, então, os que ficámos, rapazitos ansiosos de peso que nos desse ombros para tamanho encargo.

Hoje é domingo. Paço de Sousa, como é costume, uma romaria de visitantes. Para escrever tive de fugir e fi-lo para a Casa da Torre, em Irivo, que pertenceu ao sr. Dr. Avelino Soares, aonde viemos muitas vezes, Pai Américo e eu, fazer nossa recollecção mensal com o anfitrião e orientados por ele. Vão lá quarenta e quatro, quarenta e três anos...

Depois, aqui e à Casa de Vila Só, em Rans, eu corri vezes sem conta para desabafar as minhas aflições e escutar da sabedoria e da experiência do Dr. Avelino palavras de tranquilidade, conselhos que me abriram pistas, amizade firme que me confortava e dava forças para as acções a prosseguir.

Deus é Pai. Ao levar-nos Pai Américo bem sabia o que podia contar da nossa fragilidade. Por isso nos não deixou completamente órfãos. Dr. Avelino Soares foi, durante muito tempo, até ao fim da sua vida, uma presença visível da Paternidade de Deus, sem a qual (ou outra que a Sua Providência engendrassse) talvez tivéssemos sucumbido.

E é belo ver como esta reserva providencial foi preparada de longe! Américo e Avelino eram de Galegos. Diferiam treze dias na idade. Fizeram juntos a quarta-classe. Depois a vida levou-os por caminhos diversos, mas fê-los reencontrar junto do berço comum: Avelino, padre desde a juventude; Américo, padre a meio da vida — e a



amizade da infância revivesceu e deu frutos de precioso sabor.

Aqui é um lugar de memória. Escrevo sentado numa caixa vazia de refrigerantes que achei por aí, tendo por mesa as paredes de granito trabalhado de um lago com um obelisco-fontenário ao centro que dava nobreza a este belo jardim — agora escombros.

Em frente, a casa de granito com a torre que lhe dá o nome, mal se vê sob a floresta de trepadeiras sem mão que as dome desde há muitos anos. As paredes certamente estão no seu lugar; e estarão. Trata-se de uma casa fidalga, com séculos, em terra de granito onde, naquele tempo, não se fugia à pedra. Mas janelas e portas muito deterioradas. E o telhado? E por dentro, como estará?...

Quanto gostaria de ainda ver ressuscitada esta mansão! Quanto Pai Américo gostaria, com certeza! Há horas dele e muitas da Obra da Rua aqui repassadas!

E levo comigo uma ideia que oxalá tenha força: uma obra para Pobres — fossem jovens, idosos ou gente caída nas margens da sociedade — para o que esta casa e quinta anexa têm condições esplêndidas.

Não sei, neste momento, quem é o dono. Mas quase me atrevo a dizer que não tem dono uma propriedade com tais virtualidades e uma prestabilidade que me parece fácil de pôr em acto, em tal estado de abandono, verdadeiramente terra de ninguém. Vou pôr-me em campo. Sei que as Comunidades de Emaús procuram diligentemente lugar onde possam estabelecer-se e agir. Se não este Movimento, outro para quem estas linhas possam ser sugestão e estímulo. Certamente que para uma obra assim, bebida do Evangelho e tendo como objectivo servir Cristo nos mais pequeninos dos irmãos, também a nossa Obra poderia participar.

Quem dera poderemos fazer desta ajuda a nossa prenda a Pai Américo no seu dies-natalis em que o tempo deixou de contar.

Padre Carlos

MALANJE

Sempre triste este Zeca!

POR mais que me esforce não consigo arrancar-lhe um sorriso... Pensei, ontem, ao entregar-lhe duas bananas, de que gosta muito. Hoje, sei a razão da sua tristeza. O médico diagnosticou. Mal consigo na sua presença esconder a minha tristeza.

O nosso «Mingo», em Luanda, sempre no leito... O seu sorriso meigo e olhos ternos encantam-me e perturbam-me. «Mingo» aceitou e não acusa os causadores das carências da sua infância.

Os olhos do Zeca, sim. São duas setas disparadas...

O alvo? Inconsciente, nuvem! Seu pai como tantos

pais... Os senhores da guerra, tranquilos, nem pensam... Para eles o Zeca nem sequer chega a ser um grão de areia; somente, um pozinho que se pisa.

04/06/98

O povo quer um canto de terra com paz

SE não uma parte nas riquezas e o acesso à saúde e à escola, pelo menos a paz e a tranquilidade em qualquer lugar. Mas nem estas! Sempre o receio duma espingarda, furtiva ou intencionada, acompanha este povo e rouba-lhe a paz interior.

Muitas vezes, a fuga para outro lugar.

Há dias, assisti à recusa, por um grupo, do espaço que uma organização lhe destinou:

«Não podemos, falta-nos terra para cultivarmos.»

Pois: terra, mibangas, mandioca, comida. Impressionou-me este pedido de

terra nesta vastidão. Vales, planaltos e colinas cheios de fertilidade!

«Um cantinho para por-mos a batata doce.»

O povo não quer os diamantes e o petróleo; somente, um canto de terra com paz.

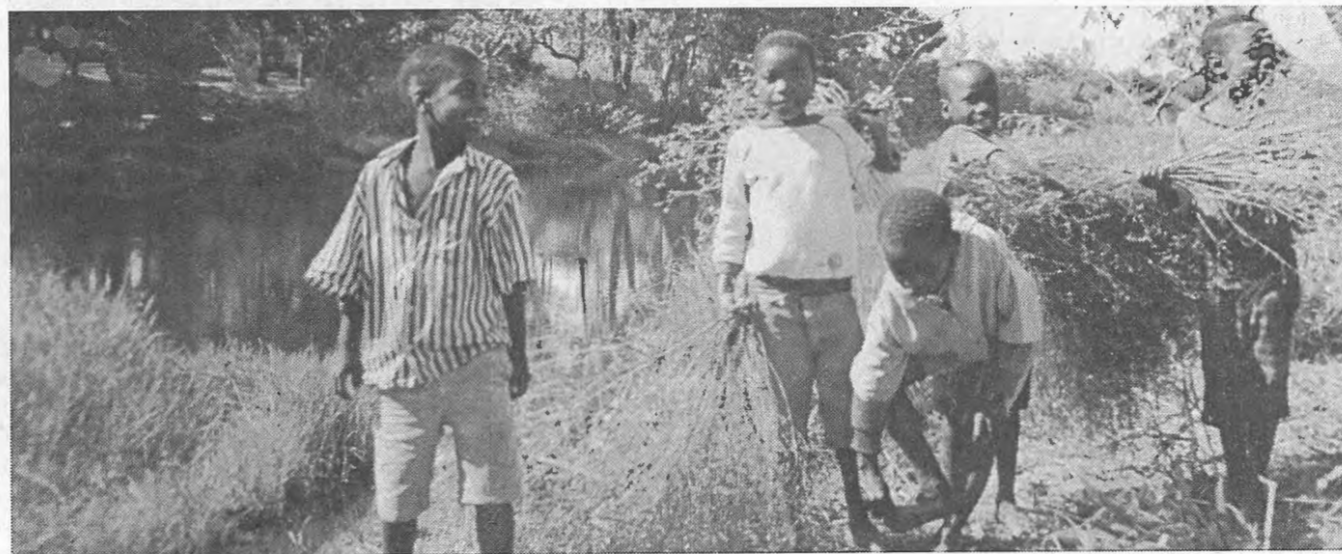
14/06/98

Corpo de Deus?

Senhor,
Teu vento da manhã
Varreu as pétalas
que os meninos
colheram e espalharam
no Teu caminho...
Mesmo assim,
nós Te levamos
e Te cantamos
com a singeleza
das ervas viçosas,
a beleza das flores,
o calor dos ninhos

e a magia dos poentes!
Com a nobreza
das palmeiras
tão sensíveis
às brisas mais leves!
Bem do fundo de nós
na doçura
desta manhã de sol!
Sabemos que ouviste
e nos olhaste
como às flores,
às palmeiras,
aos ninhos
e aos pingos de oiro
dos poentes rubros.

Padre Telmo





Barracão onde estavam amontoados. E casa onde agora vivem — que é sua.

Património dos Pobres

**Uma boa acção
um bom testemunho**

ELE veio, envergornado, contar a antigos companheiros a situação que estava a viver; a mulher incapaz de trabalhar, as filhas com dificuldades na escola, ele com trabalho só até ao fim

do mês, e o dono do barraco que habitam a deixá-los estar só até o mês acabar. O barraco também sem nenhuma condição de habitação — totalmente abandonado.

Os companheiros que fazem parte da Direcção da Associação, ficaram aflitos e inquietos. Foram certificar-se e, quando observa-

ram toda aquela situação de miséria, abismaram com o choque que sentiram.

Logo que puderam, meteram-se a caminho, a percorrer terras à procura de solução. Já longe, encontraram duas ou três habitações livres, mas com necessidade de obras, habitações que estavam à venda.

Não descansaram. Falaram a outros companheiros. Procuraram a nossa ajuda. Puseram-se, de novo, a caminho e compraram uma loja abandonada com quintal anexo, tudo perto duma serração a oferecer trabalho, com escola pertinente e lavadouro público ao pé. Compra apalavrada e muitos passos deram a seguir: contactaram o presidente da Junta de Freguesia, falaram com alguém da Câmara Municipal, informaram-se no Registo Civil e Notariado. Todos foram atenciosos. Regressaram a casa contentes.

No fim do mês, a camioneta dum deles levou, por duas vezes, a família e toda a sua tralha. Meteram-se eles e tudo lá dentro e procuraram ocupar os lugares onde não chovia, pois a loja era coberta só com placa de cimento que fendeu em vários lados.

Logo nessa semana amanharam o quintal, semearam feijão e plantaram horta e batata de semente e ele empregou-se na fábrica vizinha. Quando os vistámos, no sábado seguinte, logo ele, de braços abertos, explodiu: — *Agora estamos no Céu!*

Passados dias, um construtor vizinho abriu portas e

central que, ainda por acabar, se alastram para o norte.

FENO — Está cortado e só falta, agora, enfiá-lo, para que o nosso palheiro se encha de palha nova que deliciará as nossas vacas no próximo ano.

Arnaldo Santos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Como é habitual, fomos visitar os nossos amigos mais desfavorecidos.

Uma dessas famílias é uma viúva de muita idade, mais de oitenta anos, que o nosso Padre Telmo visitava. (Eram cinco, todas de muita idade, das quais sobreviveram duas, que as outras já faleceram.) Quando o nosso Padre Telmo voltou para África, continuámos as visitas e as ajudas.

Esta senhora vive com um filho que sofre de problemas mentais. Ela também tem sofrido muito, mesmo muito, pois tem uma doença grave na bexiga e rins, mas lá vai andando e fazendo as suas voltinhas de casa como pode. Nas duas últimas visitas estava mal, com dores e perda de

sangue. Tinha que estar deitada. Muito triste, mal se podia mexer!

Foi fazer exames ao hospital onde ficou internada, e ainda lá estava, vai para quatro semanas. Pedimos a Deus que venha para a sua casinha o mais depressa possível e um pouco melhor. Mas pouco poderemos fazer. Só ajudá-la o melhor que pudermos e soubermos para se minorar o sofrimento.

O QUE RECEBEMOS — D. Edla, assinante 9708: não tivemos qualquer problema com os seus cheques. Agora, um de 15.000\$00. Amigo ou amiga, do Porto, com 5.000\$00. Assinante 11282, outro de 30.000\$00 e bonita carta com dois belos pensamentos. Anónima, do Barreiro, 20.000\$00. Assinante 33816, 2.000\$00. De uma amiga, do Lar do Centro Social, em Braga, 2.000\$00. Assinante 19105, 15.000\$00. Anónimo, 1.000\$00. De Setúbal, em nome do Sagrado Coração de Jesus, 2.000\$00. Amiga M.M., 10.000\$00. Maria Beatriz, 3.000\$00. Assinante 6313, da Régua, 5.000\$00.

Bem haja pelas ajudas que dão aos nossos Pobres.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto

DOCTRINA



«Aqui é a porta do Céu!»

SENTADO à sombra de uma oliveira, na orla da Casa do Gaiato, respira a gente, ao fazer desta, do ar perfumado do tempo; ouve o cantar dos passarinhos; e sente na alma a riqueza espiritual de uma Paz duradoira, reflexo da imutabilidade de Deus. Em baixo, os três mais pequeninos, por não terem obrigação, colhem papoilas nos campos: — *Pai Meco, olhe!*

O nosso «Poveiro» comanda um pequeno grupo na sementeira da batata — ele vadio cem por cento quando aqui chegou e hoje trabalhador na mesma percentagem! Quem operou a transformação? O Amor! O Freitas está na casa do forno mai-lo ajudante: — *Venha ver o nosso pão!* O Pepe sai com a vaca, atrelada, buscar mato e lenha. O Marcolino e o Joaquim andam no arranjo das camaratas. Adriano e Luís, na cozinha. E outros, noutras ocupações. Podemos muito bem dizer o que dizem os monges dos seus cenóbios: «Aqui é a porta do Céu».

DEPOIS da minha breve estada na Covilhã, fui ao Alentejo pregar as Casas do Gaiato. Em Vendas Novas comprou-se um terreno de quinze hectares para construção e no Alentejo trabalha-se para o mesmo fim. Por erros que ninguém quer admitir e culpas que ninguém confessa, vemo-nos a braços com legiões de crianças abandonadas, as quais, naquele mesmo abandono em que as deixamos viver e crescer, encontraram meios seguros de aborrecer e odiar. De sorte que, porque hoje as não queres amar, serás amanhã aborrecido e odiado. Morres às mãos do teu egoísmo e arrastas na morte os que trabalham! Passei por Évora onde dormi uma noite, depois de ter arengado à população a sorte do infante vagabundo. E quando esperava em Lisboa a hora do comboio, apareceu-me com um deles, uma família de Montemor: — *Ande, padre, leve este.* O Zé Carlos é um gigante e tem somente nove anos de idade. O rápido daquele dia saiu à cunha; as malas eram aos montes, pelos corredores. O nosso petiz sobe e empoleira-se, atrevidamente. Não conhece fronteiras. O Alentejo era dele e ali também! A curiosidade aguça-se com o rodar do comboio; as perguntas fervem; e umas botas novas que trazia nos pés

(nunca se calçara) eram o objecto dos seus olhares desvanecidos, mai-la graça de quem o observa. Uma boina gaiata puxada ao lado esquerdo sobre uns olhos de monumental beleza, a tal ponto chama atenções que, daí a nada, ele tinha o quinhão de vários merendeiros: — *Toma lá, rapaz.* Pastéis, queijadas, laranjas, fiambre, tudo. — *Bem melhor que bolotas,* dizia.

GOSTOU de Coimbra. — *É aqui a nossa Casa?* — pergunta na hora em que chegámos. — Não. A tua casa é muito longe de Coimbra. Vais logo à tardinha, no comboio. E enquanto me entretenho com a governanta, Zé Carlos desaparece! Rebusca-se. Nada! Andava na rua a jogar à bola com outros garotos, triunfante. Dias depois, vou à Casa do Gaiato. Ele na chusma, ao fundo da quinta, saudou. — *Andas contente?* — *Sim; menos com o trabalho que me deram.* O Zé Luís é quem tinha a pasta que cabe, por regra, ao último a chegar: fazer a cama e os despejos aos que trabalham na quinta! — *A gente no Alentejo não usa destas coisas* — diz ele, apontando os bacios! — *Deixa, Zé Carlos, que é por pouco tempo.* Chegando outro, tu largas. À boa família que me deu este tesoiro, peço que se não esqueça de me enviar as necessárias informações para a ficha: e também lhe quero pedir que nos dêem vinte quilos de trigo de semente, no seu tempo, a fim de que o nosso pão seja feito com o nosso trigo.

(...) **A**QUI não há meu nem teu; somente a doença dá privilégios. O que tu mandas para um, é para todos. A Criança tem um grande sentido de justiça e compreende; e é justamente por isso que a maior força de desmoralização entre elas, é a injustiça com que as tratam. Queres ouvir?: O das capoeiras recolhe os ovos e entrega ao cozinheiro. Este guarda e conta. Logo que haja trinta deles, cozinha e dá. Resultado: alegria esfusante na pequena comunidade. Quantas vezes não sou eu docemente perturbado, no meu quarto de dormir, pelo pequeno mensageiro das capoeiras: — *Olhe que quentinho! Já temos vinte e dois ovos!* Há dias, o pequenino Augusto segurava uma pata donde havia saído, há pouco, um ovo; ele vira. — *Deixa, Augusto. Não, quero que ela ponha outro ovo para mim!* Assim se levantam as crianças caídas!

D. Amín. S!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

janelas, dividiu o interior que estava amplo, construiu e apetrechou casa de banho, revestiu e caiu todas as paredes, fez lareira com chaminé, canalizou água e electrificou toda a casa. Ficou uma habitação airosa e digna de família. Começaram a sentir-se mais felizes.

PARA pagar a casa, a Associação lançou um apelo aos sócios. Muitos colaboraram e a dívida praticamente está paga. O

Miguel tem casa própria para ele e família.

Nós temos acompanhado e participado em todo este empreendimento. Temos-lhes mostrado a força da união e o bom resultado do que ela é capaz. Procurámos fazer-lhes ver que não é só o dinheiro que faz as coisas. A confiança acima de tudo e mãos à obra que o resto virá.

Temos pensado também nas situações difíceis de associações, grupos, e mesmo de famílias que teriam solução se os sócios ou

familiares se inquietassem e dessem as mãos. Se acreditassem na força da união quando é fruto do amor.

Infelizmente, há associações e grupos e famílias que só se encontram em passeios, em convívios e em festas; enquanto muitos dos seus elementos tombaram e permanecem tombados à espera que alguém lhes dê a mão. Estejamos atentos.

Alegremo-nos com esta Associação que fez uma boa acção e deu um bom testemunho.

Padre Horácio

Ano Escolar

TERMINOU o de 97/98. Oficialmente terminou bem. As estatísticas registarão um bom sucesso.

De facto (que não de justiça!), no Porto só tivemos uma reprovação no 10.º ano e muito acertada; nos 7.º, 8.º e 9.º todos passaram. Alguns com mérito, sem dúvida. Outros, com grande preocupação minha, que ainda não fui capaz de compreender como se pode levantar o primeiro andar sobre paredes do chão não consolidadas. Para alguns, mesmo, a instabilidade da construção vem dos alicerces. Que se pode esperar no fim senão a derrocada... ou a mentira empolada de um diploma sem conteúdo?!

Na Telescola, ponderadas todas as circunstâncias do aproveitamento e das pessoas, só transitou para o 6.º ano um que eu reprovaria. E a este nível ficaram dois retidos no 5.º ano e quatro no 6.º.

A Primária é a porção da nossa Escola que funciona mais de acordo com a verdade, fruto de uma concertação sincera e eficiente entre professores e encarregado de educação dos alunos. É frequente o caso de um rapaz que chega transferido para uma determinada classe e, depois de prudentemente testado, vai frequentar uma classe anterior. Às vezes tem mesmo de regressar ao princípio em que todo o processo escolar se alicerça. O Vando é um destes casos. Veio há quatro anos e vinha para a quarta-classe(!). Pois só agora a fez e passou ao 5.º ano. Ele não é brilhante, mas também não deficiente. Não

era justo nem digno dar-se-lhe uma qualificação que não tinha adquirido e de que é capaz. Tem-na agora, com catorze anos. Pena ser um bocadinho tarde!; mas nem destoa no nosso meio onde o desfasamento entre o nível escolar e a idade é a regra comum. E sem culpa dos rapazes, vindos de uma vida sem regra em que a Escola, para a maioria, funcionava só para a distribuição do leite e algo mais que se comesse! Alguns dos nossos vieram desta origem: a dor dos professores que assistiam impotentes a estas vidas sem rumo e diligenciaram um encaminhamento que as sociabilizasse. Origem que nós muito prezamos!

Ainda assim e tendo muito em conta as características de cada rapaz — idades, capacidades — tivemos bastantes retenções nas duas primeiras classes, como resulta do que vimos dizendo; e um razoável sucesso nas 3.ª e 4.ª classes, em que, de um total de trinta e quatro alunos, reprovaram onze.

Funcionou pela segunda vez este ano lectivo o Ciclo em Ensino Recorrente. Aqui compreendemos e sofremos uma certa benevolência, dadas as dificuldades dos que frequentam este Ensino. Mas nem todos. Alguns terminaram agora este nível como último recurso: pela idade que têm e por não terem aproveitado devidamente a Telescola. Estes não mereciam tamanha gratuidade!

E devo dizer — já que o ano passado o não fiz e só agora posso comparar

— que o grupo de então correspondeu com muito mais brio.

Resta-nos uma palavra sobre o Ensino Profissionalizante. Decepciona-nos. Excluindo iniciativas particulares, onde a exigência mora e são austeras as regalias, o esquema oficial e generalizado enferma de pretensão sem verdade de esconder desemprego sob a capa de formação. Seria preciso um civismo de alto gabarito da parte do aprendiz para que ele entendesse correctamente e não como um jeito que ainda presta, uma vez que lhe pagam para aprender. É que não se trata de cursos de pos-graduação para já formados e com compromissos assumidos. Trata-se de preparar uma competência de base que habilite a ganhar honestamente a vida em actividades geralmente modestas.

Gratuita esta formação? — sem dúvida. Subsídios às despesas que ela implica: deslocação, alojamento, refeições? — também não tenho dúvida. Mais, não!

E depois, muita exigência na assiduidade e rigor na avaliação. Esta formação é para quem a quer e lhe quer com muito empenho e esforço. A não ser assim, andamos a entreter... Pelo que vejo, é que andamos mesmo! O mal é que o dinheiro tem sido fácil e é preciso gastá-lo.

Estão vários dos nossos nestes cursos. Não tenho ainda resultados finais. Mas, «pelo andar da carruagem»... Hesito, pois, no prosseguimento por esta via. E fico-me a pensar — até pela quantidade de pedidos que temos em carteira — se o futuro não será daqueles que aprenderam uma arte — carpinteiros, serralheiros, soldadores, electricistas, canalizadores... — e alcançaram competência nestes ofícios sem prosápias académicas possíveis de resposta por uma Escola que dá títulos, mas não o *saber fazer* nem, ao menos, hábitos de disciplina e de trabalho.

Padre Carlos

«PADRE AMÉRICO-MÍSTICO DO NOSSO TEMPO»

Recensão dos Leitores

Continuamos a expedir livros, todos os dias, sendo *fogo ardente* a correspondência dos Leitores.

Curiosamente, há quem peça a nova obra para obsequiar amigos, companheiros, familiares. E até somos questionados sobre a tiragem da edição!

— Foram 8.000 exemplares, restando cerca de 3.000!

Assinante 33687, do Porto:

«Hoje, chegou o livro que tanto queria! Ultimamente tenho lido alguma coisa; mas faltava-me este, sobre o Padre Américo. Com certeza, para encontrar resposta à minha cruz.

Não me dizem quanto custa... Sois excepcionais!»

Aliás, o conhecimento de que o livro «não tem preço» passa já de geração em geração. As senhoras e os senhores oferecem, por ele, o que acharem por bem.

Outra vez Porto, carta da assinante 56677:

«Pelo postal R.S.F., recebi o livro 'Padre Américo-místico do nosso tempo'. Obrigada pela prontidão.

Estou quase no fim da leitura e fico maravilhada com a beleza e profundidade da obra.

O incomparável Padre Américo é uma grande lição que nos faz meditar e pedir perdão ao Senhor pelo muito que não fazemos. Sinto-me pequena e pobre diante do testemunho dum Homem cuja humildade impressiona.

Este livro é um tesouro!»

A assinante 31624, da Póvoa de Varzim, com a alma cheia, desejaria que a bibliografia de Pai Américo fosse mais divulgada:

Agradeço o livro recebido e, ao seu autor, a perspectiva de nos dá de Pai Américo, onde encontrei pormenores (já vou nas últimas páginas) da sua personalidade que me surgiram completamente novos, não obstante ter lido muitos dos seus escritos.

De facto, que pena não serem mais divulgados entre os Educadores do nosso País; não estarem em todos os escaparates das livrarias e em todas as feiras do livro bem à vista; ignorar-se, ainda, quanto são actuais os seus métodos educativos, a sua mística, o seu inenso amor ao Homem, a riqueza da sua personalidade única.»

O assinante 20730, de Lisboa, sintetiza: «Fica-me a impressão de que este livro é um grande passo no sentido de proporcionar a todos nós a compreensão da Espiritualidade que norteou a Vida e Obra do santo Padre Américo. Resta pedir a Deus que frutifique e ajude a nossa Caminhada.»

Mais vale tarde do que nunca! Uma Empresa, de Gueifães (Maia), especializada em acabamentos gráficos, tem envernizado as capas das nossas obras editadas recentemente. Trabalho rápido, perfeito, ao preço da chuva. Merece uma nota d'amizade!

Júlio Mendes

PENSAMENTO

A Misericórdia de Deus não se mede pelas palavras do homem.

PAI AMÉRICO



PAI AMÉRICO

O 16 de Julho é sempre uma fonte de milhentas recordações, qual delas a mais importante para a alma da gente.

Seja pelo novo livro, na mão dos Leitores, selecta do pulsar da alma de Pai Américo; seja pelo seu riquíssimo espólio literário (lê-lo, é ouvi-lo); seja pelo O GAIATO que precisa de sair quinzenalmente — recordamo-lo a cada passo!

Que dizer do enorme esforço que dispndia, alegremente, nas primeiras edições d'O GAIATO, sobrecarregadíssimo com a construção da nossa Aldeia, de Paço de Sousa, feito pedinte por todo o lado...! Escrevia o *Famoso* nos *passos perdidos* da Arcada (aguardando entrada nos gabinetes); nas estações do caminho de ferro, nos comboios, nas pausas da sua vida de peregrino dos Pobres.

Neste aspecto, também carismaticamente, cumpriu o ministério sacerdotal de Padre da Rua — anunciando, de muitos modos, o Evangelho do Pobre até às alturas.

Nos últimos anos de vida custava-lhe pegar na caneta. Convidava, então, um de nós, e ditava o *material* com pontuação e tudo!

O cuidado que tinha pelo seu, pelo nosso O GAIATO, são exemplos que duram para todo o sempre!

Quando a gente andava por lá, procurava que as suas notas chegassem rapidamente, e a tempo, à oficina. O pequenino *revolucionário* é lugar santo que não podemos nem devemos esquecer...

Que dizer, por fim, daquela *amargura* que jamais esquece: não lhe ter sido possível,

por razões transcendentais, na viagem que fez a África, em 1952, sendo eu o companheiro, escrever as primeiríssimas notas da sua autobiografia — «*De como eu subi ao altar*».

No «*Quanza*», barco em que viajámos até Luanda, Pai Américo ficava inerte, apesar da nossa insistência.

— Não consigo. Não me sai nada. É o eu...!

— Pai Américo, troque o eu por *ele*...

Apoiava a face na mão direita. Olhava o horizonte. E não saía nada, mesmo nada!

— Ó Júlio, não sou capaz! Guarda o papel e a caneta. É o pronome...

Obviamente, a história da *martelada* jaz no Céu — Lugar dos Eleitos.

Júlio Mendes



Calvário: Obra de Doentes, para Doentes, pelos Doentes.